

COMENTÁRIO BÍBLICO

1º Domingo do Advento – Ano B

29nov2020

Isaías 63, 16 – 64, 8; Salmo 80, 2-8; I Coríntios 1, 3-9

S. Marcos 13, 32-37

³²«Do dia e hora destes acontecimentos é que ninguém sabe. Nem os anjos do Céu, nem o Filho; só o Pai é que sabe. ³³Cuidado, estejam atentos porque não sabem quando chegará esse tempo. ³⁴É como um homem que deixou a sua casa, partindo para uma viagem; entregou a administração dos seus bens aos empregados, ficando cada um com o seu encargo, e deu ordens ao porteiro para que a vigiasse. ³⁵Estejam, portanto, vigilantes, porque não sabem quando voltará o dono da casa. Tanto pode ser à tardinha como a meio da noite, de madrugada ou de manhã. ³⁶Não vá acontecer que ele venha de repente e vos apanhe a dormir. ³⁷Aquilo que vos digo, digo-o a todos: Estejam bem atentos!»

1. Com o 1º Domingo do Advento entra-se num novo Ano Litúrgico. A primeira estação é exatamente o Advento, que se compõe de 4 semanas anteriores ao Natal. Nas duas primeiras enfatiza-se a espera escatológica, isto é, a forte expectativa dos cristãos na segunda vinda gloriosa e definitiva de Jesus, como Salvador e Senhor da história, no final dos tempos. As outras duas semanas vivem-se da preparação para a celebração da primeira vinda de Jesus, o Natal. No tempo do Advento somos chamados a viver, por um lado, a expectativa do tempo futuro, a consumação definitiva da parusia (a segunda vinda) do Senhor. Requer-se, portanto, um cuidado maior com a nossa relação com Jesus, a Sua mensagem e o Seu modelo de vida, a vigilância, na manutenção e aprofundamento da nossa fé, isto é, um apelo à piedade e à conversão (por isso a cor litúrgica é o roxo) e ao exercício da compaixão com os nossos semelhantes, em particular os mais necessitados. Por outro lado, no Advento também se vive a alegre expectativa da celebração do Natal, início da caminhada divina entre nós. Uma realidade de ontem que se mantém presente hoje pela interiorização de toda uma memória que nos toca por dentro e, de uma forma ou doutra, nos transforma. Por isso, é bom que nos firmemos na fé e no sentido do Natal dando testemunho da alegria que sentimos pelo nascimento de Jesus, o nosso Senhor e Salvador, mesmo que o tenhamos de celebrar, este ano por força da pandemia, separados dos nossos familiares e amigos.

O Evangelho deste Ano Litúrgico – o Ano B – será o de S. Marcos, cujo estilo é “impulsivo e de uma vivacidade popular cheia de encanto”, segundo a Introdução aos Evangelhos Sinóticos da Bíblia de Jerusalém. É um convite à sua leitura e reflexão a partir dum coração fundado em Jesus, ou seja, aberto, esperançoso e pronto a dar-se nem que seja na afirmação humana de um olhar compassivo para com quem nos cruzemos no nosso caminhar.

2. Hoje, na leitura do Antigo Testamento, o Profeta Isaías põe na boca do povo palavras de invocação reconhecida da grandeza do Senhor *«Quem dera que rasgasses os céus e descesses!»* (Isaías 63, 19) *«Ao desceres, as montanhas haviam de tremer, diante de ti.»* (Isaías 64, 2). Ao mesmo

tempo, refere afirmações carinhosas de filhos «*Só tu, Senhor, és o nosso pai, e o teu nome, desde sempre, é “nosso Libertador”.*» (Isaías 63, 16) que “conhecem” o fundamento de uma relação com o Pai frutuosa e feliz «*Vais ao encontro dos que praticam com alegria o que é justo, e se recordam dos teus caminhos para os seguir.*» (Isaías 64, 4). Não será este um modo de encararmos o tempo do Advento? Esperando a manifestação divina da eclosão final e definitiva do Reino de Deus, mas praticando *com alegria* o que é justo e seguindo os caminhos do Senhor?

Também, os especialistas no estudo do evangelho de S. Marcos (José M Castillo, 2017) põem em dúvida que Jesus nos incite à vigilância a pensar no fim do mundo, na morte inesperada ou noutras ameaças deste tipo. Isto, na sua perspectiva, só propaga o medo e leva à submissão das pessoas. Ora, explicam, o Deus que Jesus nos mostrou e ensinou não é um Deus de medo, mas um Pai de bondade e de misericórdia. Então, porquê *vigiar, estar atentos, estar despertos*? Quem não está desperto está a dormir e, se dorme, está despegado de tudo, centrado em si próprio, no seu bem-estar, no seu descanso como primeira preocupação. Não é isto que toda a gente quer, que a vida lhes corra de feição? Pois bem, ao pensar assim estamos, por consequência, a esquecer aqueles a quem falta quase tudo. E isto não é humano e muito menos cristão. Então, *vigiar* é estar atentos às circunstâncias e aos tempos em que somos chamados a decidir, a escolher entre o nosso próprio interesse e a precisão do outro. É aí que se põe a grande questão da nossa vida: o “eu” acima de tudo, ou a honestidade, a bondade, a justiça, mesmo que muito nos custe.

3. Como me delicio a olhar a reação das pessoas quando me despeço delas com um “Até amanhã, *se Deus quiser!*”. Há quem expresse surpresa, quem sorria e, ainda, quem nem repare no acrescento, tamanha é a pressa em que vivem. Quando o faço pretendo tão só dizer que acredito na existência duma entidade para além de mim (a que as religiões chamam Deus, Ala, Jeová e outros nomes) que é dona do tempo e do mundo, sendo nós somente seus usuários, utentes, como agora se diz. Enquanto pensava nisto veio-me à mão o Jornal de Letras, de 18 nov a 01dez2020, onde, numa entrevista a propósito do seu novo livro, um dos mais notáveis cientistas portugueses contemporâneos, António Damásio, afirma: “Uma das mensagens da ciência das últimas décadas é que nós, seres humanos, não estamos sós e o mundo não é nosso. E as outras espécies têm uma participação interativa connosco, com aquilo que somos e fazemos.” E como a pandemia do COVID 19 tem confirmado esta asserção científica obrigando-nos a conviver com a imprevisibilidade. E isso nos apavora porque não estamos preparados. Habitados ao consumo, por si mesmo, à busca da “vida boa”, no bem-estar e na abundância, perdemos a ligação ao que somos e ao significado da nossa existência riscando do nosso léxico diário palavras tão importantes como “renúncia”, “abnegação”, “sacrifício”, “paciência”, “humildade” e outras como “silêncio”, “cuidar”. Ora, a pandemia na sua imprevisibilidade está a dizer-nos que temos de ganhar a consciência de que não sabemos tudo e, portanto, que precisamos de Alguém em quem confiar em humildade e aceitação – «*se Deus quiser*» (Tiago 4, 15). Então, aproveitemos o tempo do Advento para mudar de vida, se possível à luz das belas e sábias palavras do Apóstolo Paulo: «*Vigiai, permanecei firmes na fé, sede corajosos, sede fortes! Fazei tudo na caridade.*» (I Cor. 16, 13).

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana